

Divergência de opinião política é a principal causa de tensão entre as pessoas

A grande polarização política nacional que leva pessoas a brigarem em grupos de WhatsApp, a desfazerem amizade no Facebook e divide o Brasil há dois anos não é uma questão só local. Opinião política diferente é onde há mais tensão nos países no mundo todo, segundo pesquisa da Ipsos realizada em 27 países, incluindo Brasil, que ouviu quase 20 mil pessoas

O tema foi escolhido por 44% dos entrevistados e apareceu seguido por diferenças entre ricos e pobres (36%) e diferenças entre imigrantes e a população nativa do país (30%). Os entrevistados puderam escolher três itens de um total de oito, que incluía também diferenças religiosas (27%), étnicas (25%), entre homens e mulheres (11%), entre jovens e idosos (11%) e entre os que vivem nas cidades e em zonas rurais (10%).

O Brasil seguiu o ranking global nas duas primeiras posições – diferenças entre visões políticas (54%) e entre pobres e ricos (40%) –, mas deu o terceiro lugar para diferenças religiosas (38%). “O que surpreende nestes resultados é saber que a percepção de sociedade dividida que hoje vemos no Brasil não é um fenômeno apenas local. Outros países do mundo também percebem esta polarização, sendo ela de origem predominantemente política ou não.” – comenta Rupak Patitunda, gerente da Ipsos Public Affairs.

Três quartos das pessoas no mundo (76%) acreditam que seus países estão divididos. A Sérvia lidera o ranking com 93%, seguida pela Argentina (92%). Chile e Peru aparecem em terceiro lugar, empatados com 90%. O Brasil está em sétimo, com 84%, dividindo a posição com Estados Unidos, Espanha e Polônia. Apenas na China (48%) e na Arábia Saudita (34%) a maioria dos entrevistados não concorda que seus países estão divididos.

A sensação de que os países estão divididos aumentou nos últimos 10 anos para seis em cada 10 entrevistados (59%). O Brasil aparece em sétimo no ranking, com 62% afirmando que é correto dizer que hoje a divisão é maior. Em nenhum dos 27 países pesquisados, a sensação de que está menos dividido é maior do que a sensação de que está mais dividido [do que dez anos atrás]. Pouco menos da metade (46%) dos entrevistados pensa que as



A percepção de sociedade dividida que hoje vemos no Brasil não é um fenômeno apenas local.

pessoas em seus países são tolerantes com diferenças culturais ou de pontos de vistas. Os que mais se consideram tolerantes são os canadenses (74%), chineses e malasianos (ambos com 65%), e indianos (63%). O Brasil aparece na antepenúltima posição, com 29%.

Só na China a maioria (59%) afirma ser mais tolerante hoje do que há 10 anos. Globalmente, 39% afirmam ser menos tolerantes e 30%, mais. No Brasil, os que afirmam terem se tornado menos tolerantes representam 45% da população e os que se tornaram mais são 29%. Há, no entanto, um ponto de otimismo no estudo. A maioria (65%) concorda que as pessoas ao redor do mundo têm mais coisas em comum do que diferenças. Rússia e na Sérvia lideram o ranking (ambos com 81%), enquanto as menores taxas de concordância estão com a afirmação estão no Japão (35%), Hungria (48%) e Coreia do Sul (49%). O Brasil está um pouco abaixo da média mundial, com 61%.

A pesquisa foi realizada pela Ipsos entre 26 de janeiro e 9 de fevereiro de 2018 em 27 países: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, Chile, China, Coreia do Sul, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Hungria, Índia, Itália, Japão, Malásia, México, Peru, Polônia, Rússia, Sérvia, Suécia e Turquia. No Brasil, a margem de erro é de 3,5 pontos percentuais.

Fonte e mais informações, acesse: (<https://www.ipsos.com/pt-br>).

Investir nas pessoas aumenta a competitividade das empresas

Marina Brandão (*)

A qualificação profissional e o investimento no capital humano têm surgido como uma das principais tendências dentro do mercado nacional

Depois de muito tempo sendo subvalorizado, esse investimento começa a ganhar mais atenção uma vez que, conhecimento, habilidade e atitude são os fatores de maior competitividade em um bom profissional. O departamento de Recursos Humanos acaba sendo o principal responsável por gerenciar esses investimentos e, do outro lado da mesa, o colaborador, também tem sua parcela de responsabilidade em solicitar, aproveitar as oportunidades e aplicar os conhecimentos adquiridos nas atividades do dia a dia.

Uma pesquisa inédita realizada pela Deloitte, com 126 empresas, retrata o cenário da educação corporativa no Brasil e mostra o quanto o setor tem ganhado maturidade nos últimos anos. De acordo com o estudo, 28% das empresas pesquisadas já possuem universidade corporativa. Das 72% que não possuem, mais de um quarto delas (28%) demonstra interesse em criar a estrutura. Ainda observando os dados coletados, entre as empresas que investem em educação corporativa, a média de investimento é de 0,47% do faturamento anual.

O fato é que aplicar recursos na educação corporativa aumenta a qualificação profissional, prepara os colaboradores para o próximo passo de suas carreiras e ainda auxilia em um dos maiores desafios das empresas, a retenção de talentos. Apesar de parecer uma via de mão única, onde apenas a empresa é responsável pelo aprimoramento dos colaboradores, o profissional também tem sua parcela de responsabilidade em se manter atualizado e buscar novos conhecimentos e competências fora dos muros da organização.

Para identificar de quem é a vez de investir, é importante entendermos o papel de cada lado dessa equação. Cabe ao profissional desenhar os objetivos de sua carreira e o que pretende conquistar em sua vida profissional. É papel da empresa oferecer oportunidades, dar feedback sobre as competências a serem desenvolvidas e incentivar o profissional a buscar essa melhoria.

Quando o conhecimento é indispensável para a necessidade interna, o RH tem como missão fornecer essas ferramentas, mas quando é uma necessidade es-

pecífica para a carreira de cada colaborador, fica à cargo do profissional buscar esse recurso no ambiente externo.

Para as empresas, as principais vantagens de se investir em educação corporativa são a maior competitividade no mercado, o ganho em produtividade individual e coletiva, maior atração e retenção de talentos, imagem e reputação para a marca, ganho na melhoria de processos, mais inovação, além de muito mais criatividade dentro das equipes.

Uma coisa que acho importante ressaltar é que quando observamos o resultado do investimento em treinamentos, precisamos estar cientes da curva de aprendizagem. Em um primeiro momento, poderá haver uma queda nos resultados, mas a tendência é que a curva cresça trazendo mais benefícios para a empresa. É claro que todo investimento que não for mensurado não vai se provar eficiente.

Apesar de ser quase intangível medir o conhecimento adquirido por uma pessoa, prestar atenção em indicadores que comprovem o aumento da produtividade individual e coletiva, uma menor incidência de erros e um maior cumprimento de prazos são formas de identificar se a escolha valeu ou não a pena. Uma vez percebida a importância de se investir na qualificação dos colaboradores, o desafio do RH é ir além da educação corporativa tradicional.

O que é relevante para cada organização muda de acordo com sua atuação e mercado, mas, em um mundo onde as mudanças e quebras de paradigmas acontecem quase que diariamente, apostar investimentos em fatores que estejam ligados à cultura organizacional e ao novo contexto de mundo, são aposta mais certas e confiáveis.

Por fim, na minha opinião, é muito importante que as empresas incentivem a troca de conhecimentos dentro do ambiente corporativo. Dar a oportunidade de determinados profissionais propagarem a outros colegas de seus times ou de outras equipes, o que aprendeu em um treinamento, pós-graduação ou curso de extensão é uma contrapartida muito interessante para reciclar constantemente os times, além de fazer com que o próprio profissional que recebeu o benefício possa colocar todo esse aprendizado em prática.

Como diria a poetisa brasileira, Cora Coralina: “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

(*) - É headhunter da Yoctoo e tem mais de 7 anos de experiência no recrutamento e seleção para as áreas técnicas. Formada em Administração de Empresas e é pós-graduada em Gestão de Pessoas e Negócios.



Vendas no Dia das Mães devem movimentar R\$ 17 bilhões no comércio

Segunda data comemorativa mais importante para o varejo em faturamento, o Dia das Mães deve fazer com que 74% dos brasileiros realizem ao menos uma compra no período. Segundo estimativas do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), aproximadamente 111,5 milhões de brasileiros devem apresentar alguém neste Dia das Mães, o que deve injetar cerca de 17,05 bilhões de reais nos setores do comércio e serviços.

Embora o percentual de consumidores que devem ir às compras seja elevado, a maior parte dos compradores está reciosa para aumentar gastos na comparação com o ano passado, procurando manter o orçamento livre de dívidas. Cerca de 19% dos consumidores entrevistados disseram que têm a intenção de desembolsar mais com os presentes. A maior parte, no entanto (36%), planeja gastar a mesma quantia que em 2017, enquanto 18% pensam em diminuir.

Entre os que pretendem gastar mais, as principais razões são comprar um presente melhor (58%), estar com uma renda melhor este ano (33%) e por acreditar que os presentes estão mais caros (29%). Já entre os que pretendem gastar menos, o fato de estar com o orçamento apertado (48%), querer economizar (27%) e estar desempregado (26%) são os principais motivos.

O pagamento à vista será o meio mais utilizado pelos consumidores, sendo que em 53% dos casos o pagamento será em dinheiro e em 24%, no cartão de débito. O cartão de crédito parcelado será usado por 28% dos entrevistados. Entre os que dividirão as compras, a média é de quatro prestações por entrevistado. De acordo com o levantamento, a maioria (44%) dos consumidores deve comprar apenas um único presente. Somente 8% dos entrevistados disseram que iriam comprar quatro ou mais itens.

Considerando a soma de todos os presentes adquiridos, o gasto médio do brasileiro no Dia das Mães deve ser de R\$ 152,98. No entanto, praticamente um terço dos entrevistados (34%) estão indecisos e ainda não sabem ou não decidiram o valor que pretendem desembolsar este ano. Shopping será o principal local de compra. Roupas e perfumes lideram a preferência dos presentes (SPC/CNDL).

Geração Z muda as relações de trabalho no Brasil

O mercado de trabalho é dinâmico e passa por mudanças contínuas que envolvem os profissionais que o compõem e as relações trabalhistas que mantêm entre si. Essas modificações acontecem nos cenários econômico, social e principalmente tecnológico, e hoje têm como grande protagonista a geração Z, formada por pessoas que nasceram e cresceram em um período marcado pelo uso frequente da tecnologia e que vêm provocando transformações e novos padrões de atuação no mercado.

Um exemplo é o web designer Deivison Amorim, 25 anos, que há seis meses mudou-se para a cidade de Chiang Mai, na Tailândia, conhecida como a capital dos nômades digitais – pessoas que trabalham remotamente. Deivison continua atendendo empresas brasileiras virtualmente. “Todo o meu networking é do Brasil. Atendo empresas de Brasília e São Paulo e sempre aviso sobre a questão do fuso horário por causa das reuniões, mas isso não é uma barreira”, explica.

Recentemente, a modernização trabalhista regulamentou o teletrabalho, conhecido como trabalho à distância ou home office, realizado longe do estabelecimento do empregador, por meio da utilização de tecnologia. Com essa opção é possível trabalhar de casa e definir o próprio horário.

“Essa forma de trabalho já era realidade para muitos brasileiros, mas não contava com uma regulamentação adequada. A nova legislação trabalhista regulamentou o teletrabalho, trouxe segurança jurídica e vai abrir novas oportunidades de emprego”, explica o ministro do Traba-



A prestação de serviços no formato home office deve constar no contrato individual de trabalho, que especifica as atividades a serem realizadas pelo empregado.

lho, Helton Yomura.

Para o especialista em gestão empresarial e coordenador do curso de gestão de RH da Faculdade Unyleya, Vilson Sérgio de Carvalho, a Geração Z é “atenada, pensa rápido e possui habilidades tecnológicas que dão a eles uma competência diferenciada no mercado de trabalho, mas, em contrapartida, é uma geração silenciosa, que tem dificuldade de relacionamento social”. Ele ressalta: “Hoje temos mudanças no mercado de trabalho que são interessantes para esses profissionais, como o trabalho home office, que lhes possibilita desenvolverem seu trabalho individualmente, cumprirem suas atividades com rapidez, sem precisarem se relacionar. Mas é uma geração que precisa de muito aprendizado no que diz respeito às habilidades interpessoais e ao trabalho em equipe”.

Deivison Amorim argumenta que a sua geração não quer apenas trabalhar para uma empresa que tem determinada visão do mundo, mas trabalhar com significado e colocar sua personalidade no trabalho e na forma de se relacionar. Além

de disso, ele acredita que as pessoas têm a necessidade de investir em algo pessoal não apenas por necessidade financeira, mas ideológica também. “Quando você começa a trabalhar online percebe que existem muitas maneiras de empreender online, e descobre que existe uma infinidade de oportunidade nesse mundo virtual. Eu sinto que há espaço e que posso imprimir minha personalidade e levar minha forma de pensar para o mundo, assim como outras empresas fizeram”.

De acordo com a nova legislação, a prestação de serviços no formato home office deverá constar expressamente no contrato individual de trabalho, que especificará as atividades a serem realizadas pelo empregado. As disposições relativas à responsabilidade pela aquisição, manutenção ou fornecimento dos equipamentos tecnológicos e da infraestrutura necessária e adequada à prestação do trabalho remoto, bem como o reembolso com despesas arcadas pelo empregado, serão obrigatoriamente previstas em contrato escrito (AI/MTe).

Redução de Juros da Caixa: um bom primeiro passo

Bence Pál Deák (*)

A euforia foi grande. Afinal, a Caixa anunciou que reduziu os juros e aumentou os limites de financiamento de imóveis novos e usados. Há muito a comemorar.

Mas há muito mais a esperar. Há até pouco mais de um ano o meio a Caixa era a maior fornecedora de financiamento no mercado imobiliário. Com inúmeras dificuldades administrativas e escassez de recursos, foi perdendo posição neste ranking e passou a ocupar a 4ª posição no segmento. Não se pode esquecer que ser o 4º colocado num mercado como é o de bancos, no Brasil, não é uma boa posição. Precisamos levar em conta que quatro participantes detêm conjuntamente 80% dos negócios – não há glória, portanto, em ocupar o último lugar.

A queda nas taxas de juros é um marco importante. O índice caiu de 10,25% para 9% ao ano, no Sistema Financeiro da Habitação e de 11,25% para 10% ao ano no Sistema Financeiro Imobiliário. Mas não se pode esquecer que os patamares ainda estão muito altos, principalmente levando-se em conta que a previsão de inflação para 2018 é de aproximadamente 3,5% e um pouco acima em 2019, e que se trata de

financiamentos que são garantidos pelos próprios imóveis.

Os brasileiros se acostumaram a números incongruentes. É a normalização da anormalidade! Todos os dias se ouvem comentários sobre as taxas de juros exorbitantes que são praticadas pelas instituições financeiras. Cartões de Crédito e Cheques Especiais somente têm de especial a taxa de juros cobrada que é exorbitante. Tente explicar para um americano ou europeu que as taxas anuais de cartão de crédito ultrapassem os 400% ao ano. Eles não acreditariam e achariam que você cometera um engano ou é louco.

A justificativa não convence: os bancos alegam que há muita inadimplência, mas se a carteira é inadimplente a solução não é aumentar as taxas dos pontuais, mas cortar o crédito dos devedores. Assim, o castigo fica para quem é pontual! Mas este é outro assunto.

Assim, com base nestas referências, temos a sensação de que a redução de juros da CEF é favorável e bem-vinda. Pode ser, mas estes juros ainda são muito altos e somente resta esperar que, com base nesta diminuição, passe a haver um mínimo de concorrência entre os agentes e que as taxas passem a patamares civilizados.

(*) - É advogado especializado em Direito Imobiliário do Deák Advogados.